

À espera: considerações em torno da morte. “Odes mínimas”, de Hilda Hilst

Camila Scalfoni Mendes¹

Resumo: Estudar as relações eróticas mantidas entre a morte e o sujeito lírico, especificamente nos poemas de “Da morte. Odes mínimas”, de Hilda Hilst, através de uma leitura que pretende traçar a rota dos momentos – ora de busca, ora de espera – que fazem da morte interlocutora de um discurso desafiador, erótico e ardiloso.

Palavras-chave: Hilda Hilst. Erotismo. Morte.

“A perfeição é a morte. Não será isso
a mais dolorosa certeza da nossa imortalidade?”
Apolonio de Almeida P. Hilst

A morte, em literatura, é gozo, interdição, liberdade, transcendência e tudo quanto quiserem leitor, autor e crítica. Blanchot, em *O espaço literário*, anuncia: “[...] a arte é relação com a morte. Por que a morte? Porque ela é o extremo. Quem dispõe dela, dispõe extremamente de si, está ligado a tudo o que pode, é integralmente poder. A arte é a senhora do momento supremo, é a senhora suprema”². A presença da morte no âmbito literário é, pois, recorrente e desponta muito amiúde em obras tocadas por elementos eróticos. Aparece, em Hilda Hilst, em inúmeros momentos, mas nos deteremos aqui na série de poemas “Da morte. Odes mínimas”, parte do livro homônimo, publicado pela primeira vez em 1980. No caso destes poemas, a morte é eleita e cantada como o centro obscuro da vida, da insatisfação da poeta, como mostra Alcir Pécora:

O seu principal interlocutor, senão único, é justamente a morte. Não a morte geral, ou a morte como alegoria filosófica, mas aquela própria, pessoal, seja na forma da imaginação da sua hora fatídica e única (enquanto tópica do *memento mori*), seja enquanto manifestação, ainda que esquiva e insidiosa, no presente da existência falhada.³

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.

² BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*, p.87.

Os poemas a que nos dispomos ler caminham por sendas eróticas, onde as interdições da morte e da sexualidade desequilibram-se, dando espaço à busca da morte na figura de amante futura e misteriosa.

Se vemos nas interdições essenciais a recusa que opõe o ser à natureza, considerada como uma dissipação de energia viva e como uma orgia do aniquilamento, não podemos mais fazer diferença entre a morte e a sexualidade. A sexualidade e a morte não são nada além de movimentos agudos de uma festa que a natureza celebra com a inesgotável multidão de seres, ambos tendo o sentido de desperdício ilimitado ao qual a natureza vai ao encontro do desejo de durar, que é próprio de cada ser⁴

Considerando a afirmação barthesiana de que “os livros ditos ‘eróticos’ [...] *representam* menos a cena erótica do que sua expectativa, sua preparação, sua escalada; é nisso que são ‘excitantes’; e, quando a cena chega, há naturalmente decepção, deflação. Em outros termos, são livros do Desejo, não livros do Prazer”⁵, “Da morte. Odes mínimas” pode ser posto no primeiro grupo, já que seus poemas, que deslindam o itinerário da poeta em busca do encontro erótico com a morte, ligam-se à iniciação e à preparação do sujeito lírico para o fatal momento do encontro – ou, antes, o momento da posse – numa quixotesca aventura, em que a heroína não parte: espera. A espera desencadeia o desejo quase nubente da poeta que aguarda o momento em que essa morte se fará presença inteira, descobrindo-se das dobras que a deixam ver apenas num relance. Ainda com Roland Barthes,

130

“na perversão (que é o regime do prazer textual) não há ‘zonas erógenas’ [...]; é a intermitência, como disse muito bem a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga; é essa cintilação mesma que seduz, ou ainda, a encenação de um aparecimento-desaparecimento.”⁶

Tal é o jogo da morte nestes poemas de Hilda Hilst, que embora só se entreabra, deixa para trás, na noite, um gosto:

³ PÉCORA, Alcir. In: HILST, Hilda. *Da morte. Odes mínimas*, p. 08.

⁴ BATAILLE, Georges. *O erotismo*, p.95.

⁵ BARTHES. Roland. *O prazer do texto*, p. 75.

Durante o dia constrói
Seu murro de girassóis.
(Sei que pretende disfarce
E fantasia)
Durante a noite,
Fria de águas
Molhada de rosas negras
Me espia. Que queres, morte,
Vestida de flor e fonte?

-Olhar a vida.⁷

O primeiro poema da série marca a decisão da poeta de cantar a morte em odes que a recriarão e, desse modo, a tornarão tangível, matéria palpável: “Te batizar de novo. / Te nomear num trançado de teias / [...] // Palma, por que não? / Te recriar nuns arco-íris / Da alma, nuns possíveis / Construir teu nome / E cantar teus nomes perecíveis”.⁸ A ânsia de recriar a morte no campo do que é possível e perecível trai a tentativa da poeta de trazê-la para uma esfera mais íntima, pô-la ao alcance das mãos, e também do desejo erótico: “Pertencente te carrego: / Dorso mutante, morte. / Há milênios te sei / e nunca te conheço. / Nós, consortes do tempo / Amada morte / Beijo-te o flanco / Os dentes / Caminho cadente a tua sorte / A minha. Te cavalgo. Te tento.”⁹

O tema da morte perpassa a produção hilstiana como centro de questionamentos, como chave de uma angústia, que, bem como a busca pelo sentido da vida, são mote que freqüentemente tomam forma na sua poesia. De acordo com Nelly Novaes Coelho,

Amor e Morte, desde suas origens míticas, andam sempre essencialmente unidos. É em *Da morte. Odes mínimas* (1980) que a poeta se entrega a um desafiante diálogo com a Morte, enfrentada cara a cara, como a grande realidade que permanece tão misteriosa para os homens de hoje, como o era na origem dos tempos.¹⁰

Em “Da morte. Odes mínimas”, a presença da morte, e da vida, conseqüentemente, se faz mais intensa, pois que se encontram ambas ligadas por um emaranhado de líquidos e gozos no

⁶ BARTHES. Op. cit., p. 16.

⁷ HILST. Op. cit., p. 54.

⁸ HILST. Ibid., p. 29.

⁹ HILST. Ibid., p. 30.

percurso da existência:

Te sei. Em vida
Provei teu gosto.
Perda, partidas
Memória, pó

Com a boca viva provei
Teu gosto, teu sumo grosso.
Em vida, morte, te sei.¹¹
[grifos nossos]

Assim entende Nelly Novaes Coelho, para quem “anulando toda a possível distancia entre si mesma e a Morte, a poeta entra na intimidade dessa temerosa figura, revelando-a essencialmente participante da vida.”¹²; “Se infinita sobre a minha Idéia / Se assemelha à vida.”¹³ Nos remetemos, então, à Hulewicz, citado por Maurice Blanchot:

“Nas elegias, a afirmação da vida e a da morte revelam-se como formando apenas uma. [...] A morte é o lado da vida que não está voltado para nós nem é iluminado por nós; cumpre tentar realizar a maior consciência possível de nossa existência que reside nos dois reinos ilimitados e se alimente inesgotavelmente dos dois... A verdadeira forma da vida estende-se através dos dois domínios, o sangue do maior circuito corre através de ambos; não existe um aquém nem um além mas a grande unidade...”¹⁴

132

A cantora das *Odes mínimas* sabe que, apesar de não vista, a morte ronda sua casa, criando um “mosaico de teias” onde fica a vítima presa nas mesmas idéias, na sempre presente espera, que se impregna de imaginação acerca do desenlace de tão desejado encontro, que antevê num incerto porvir e que em tudo deixa seu perfume:

[...]
Vagueia sobre minha Ideia
E não sei se flui

Poreja

Única, primeira
Num mosaico de teias

¹⁰ COELHO. Nelly Novaes. “Da poesia”. *Cadernos de literatura brasileira*, nº 08, p. 75

¹¹ HILST, Hilda. *Da morte. Odes mínimas*, p. 57.

¹² COELHO. Op. cit., p. 75.

¹³ Hilst. Op. cit., p. 45.

¹⁴ BLANCHOT. Op. cit., p. 130

Se infinita sobre a minha Idéia
Se assemelha à Vida.¹⁵

A idéia da morte como experiência erótica impulsiona a poeta na sua busca/espera e no movimento que dá corpo ao seu desejo, entregando-se assim à fantasia do seu instante com a imagem misteriosa que persegue. Misteriosa porque não revela como ou quando virá, nem quanto tempo poderá restar:

Demora-te sobre minha hora.
Antes de me tomar, demora.
Que tu e percorras cuidadosa, etérea
Que eu te conheça lícita, terrena

[...]

Que me tomes sem pena
Mas voluptuosa, eterna,
Como as fêmeas da Terra.¹⁶

Morte e sexualidade, enquanto interdições irmanadas pela violência, encontram eco na recorrência do substantivo “posse” e do verbo “tomar”, que sugerem uma volúpia em parte sádica, em parte definitiva, mas muito natural para Bataille, cujos estudos ligam erotismo e morte pelo laço do sadismo.¹⁷ De fato, a relação de domínio não poderia ser negligenciada aqui, pois o tempo e a forma da morte apenas a ela cabe decidir, não obstante os jogos da poeta, que tenta seduzir a morte com as experiências do corpo, trazendo-a para si:

Perderás de mim
Todas as horas

Porque só me tomarás
A uma determinada hora
E talvez venhas
Num instante de vazio
E insipidez.
Imagina-te o que perderás
Eu que vivi no vermelho
Porque poeta, e caminhei

¹⁵ HILST. Op. cit., p. 45.

¹⁶ HILST. Ibid., p. 30.

¹⁷ Cf. BATAILLE. Op. cit., p. 64.

À espera: considerações em torno da morte. "Odes mínimas", de Hilda Hilst

A chama dos caminhos

[...]

E fui tomada, ferida
De malassombros, de gozo

Morte, imagina-te.¹⁸

O querer cede à poeta a matéria de sua poesia, esse trabalho de Penélope no qual a morte faz e desfaz seus rastros é o que torna possíveis os poemas, e apenas nos últimos passos do caminho – ou da escritura – pressente-se o insucesso da demanda, exigindo que se encerre o fazer poético:

Não compreendo. Apenas
Tento
Somar meu corpo
A teu corpo negro
Minhas águas
A teu remo
E cascos, os meus,
E luzes de um dia
E ânus, regaço
Somar
A teu matiz cobreado
Tua garra fria

Não compreendo. Apenas
Tento
(Suor, subida, cascalho
Seca)
Somar teu corpo
A meu pensamento.¹⁹

Neste poema, expõe-se o que até então se velou: que o que na morte é remo, guia, tivesse contado com o que na autora é água, maleabilidade, umidade, desejo. E na bela imagem criada ainda na primeira estrofe do poema acima somar, ao matiz (e portanto imprecisão de contornos) da morte, ânus e regaço – palavra que, além de recender a remanso, e interior, traz a idéia do efeito criado em uma saia que tem suspensa a barra, revelando, então, regiões do corpo tão sensivelmente eróticas, no intuito de ajustar a pen-

¹⁸ HILST. Op. cit., p. 35.

¹⁹ HILST. Ibid., p. 65.

samentos e idéias assim humorosos, o corpo ainda imaterial da morte. O anseio da poeta, porém, frustra-se, e na fantasia, perde-se a heroína, que sabe ter-se gasto em sua procura; nua de qualquer revestimento que a protegesse (sua couraça), sabe ter falhado em sua vida; e deixa, no último poema, para a amante indiferente, desgostos, bandolim, poesia:

[...]

Procura na tua balança
Minha couraça. Meu bandolim.
Escrita e torso.
Pesa-me a mim. Minhas funduras
E o gume do meu desgosto.

Procura, na minha hora,
Entre sarrafos e palha

O que restou de mim
À tua procura²⁰

A morte, nos poemas aqui considerados, adquire uma forma mais material e entretanto não deixa seu lugar sagrado, interdito: “Me fiz poeta / Porque à minha volta / Na humana idéia de um deus que não conheço / A ti, morte, minha irmã, / Te vejo”²¹. Finalmente, a propósito do ciclo que se cria entre o sagrado e o profano, fazem-se oportunas as palavras de Roberto Corrêa dos Santos, para quem “[...] o inevitável processo, ainda, de manchar e de criar o sagrado, usando o corpo, colocando-o em atividade, deixando-o dispendar, gastar-se, decompor-se. Na construção inteira dos textos só há corpo – cadências, funcionamento, palpitações, técnicas de esmagar e de expedir.”²²

²⁰ HILST. *Ibid.*, p. 68.

²¹ HILST. *Idib.*, p. 60.

²² SANTOS. Roberto Corrêa dos. “A ferocidade das fêmeas”. *Tais superfícies: estética e semiologia*, pp. 51-52.

Referências

BARTHES. Roland. *O prazer do texto*. , 5. ed. Tradução J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. "Da poesia". *Cadernos de literatura brasileira*, n° 08. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999.

HILST, Hilda. *Da morte. Odes mínimas*. São Paulo: Globo, 2003 [1980].

SANTOS. Roberto Corrêa dos. "A ferocidade das fêmeas". *Tais superfícies: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: Otti Editor, 1998.